

JAKOBSON, DUCHAMP E O ENSINO DE ARTE

Terezinha Losada

Resumo:

A obra Fonte de Marcel Duchamp é normalmente apontada pela crítica de arte como a síntese e a expressão mais radical da ruptura com a tradição artística promovida pelas vanguardas do início do século XX, sendo ainda hoje uma das principais referências da produção artística contemporânea. A partir da identificação do que Duchamp selecionou e combinou na criação desta obra são analisados como os diversos fatores do processo comunicativo, conforme formulados por Roman Jakobson, nela se manifestam: Referente (relação arte e realidade), Emissor (relação arte e autoria), Receptor (relação arte e público), Canal (relação arte e tecnologia) e Código (relação arte e estilo). Em outras palavras, discute-se a estrutura Poética da obra (relação arte e processo criativo).

Palavras-chave:

Interpretação, semiótica, arte contemporânea, ensino de arte.

Roman Jakobson e os tipos de mensagem

As teorias de Jakobson marcam uma guinada nas pesquisas linguísticas. Até o século XX, os estudos sobre a linguagem se limitavam à análise dos aspectos gerais e abstratos da língua, discutindo suas estruturas sintáticas e morfológicas. A fala, isto é, o uso concreto que fazemos da língua, não era considerado objeto de estudo científico, devido seu caráter mutável e circunstancial.

Analisando o processo comunicativo, Jakobson identificou certas características gerais no universo infinito das mensagens que articulamos, levando-o a desenvolver uma classificação das mensagens. Desse modo, ele demonstrou que era possível estabelecer certos critérios objetivos para a atividade interpretativa, influenciando o desenvolvimento da crítica literária e da arte em geral. Cada um dos fatores comunicativos, presentes em toda mensagem, nos permitem formular diferentes questões e estabelecer diferentes relações que orientam o processo de interpretação das mensagens, conforme demonstra o quadro a seguir.

Função da Linguagem	Fator Comunicativo	Questão	Relação
Função Referencial	Referente	Do que se fala? De quem se fala?	Arte e realidade
Função Emotiva	Emissor	Quem fala?	Arte e autoria
Função Conativa	Receptor	Com quem se fala?	Arte e público
Função Fática	Canal	Onde se fala? (meios, suportes, materiais)	Arte e tecnologia
Função Metalinguística	Código	Com o que se fala? (diferentes idiomas e linguagens)	Arte e estilos
Função Poética	Mensagem	Como se fala? (Seleção e Combinação)	Arte e criatividade

Arte e processo criativo

Embora presente em outras mensagens a função poética é estreitamente relacionada à linguagem artística. Sem pretender esgotar o conceito de arte, Jakobson (1969:128) argumenta que apenas esta função pode responder à questão sobre “qual é o característico indispensável, inerente a toda obra poética”. Pois é a função poética que imprime a chamada “qualidade estética” da obra de arte, perceptível na maneira especial e singular em que o artista selecionou e combinou os diversos fatores do processo comunicativo.

Em outras palavras, para abordar qualquer aspecto da realidade (Função Referencial), ou expressar sua subjetividade (Função Emotiva), instigando a atenção do público receptor (Função Conativa), o artista precisa *selecionar* e *combinar* as possibilidades expressivas da linguagem (Função Poética). Este processo criativo envolve também a *seleção* e *combinação* dos elementos dos códigos estilísticos que o artista conhece (Função Metalinguística), bem como dos materiais e tecnologias que dispõe para trabalhar (Função Fática). Tudo isso pode ser feito obedecendo aos cânones da tradição cultural, ou subvertendo-os de modo inovador. Configura-se assim a malha de interação dos diversos fatores do processo comunicativo na construção da mensagem.

Assim podemos concluir que embora possa estar presente em outros tipos de mensagem, tudo aquilo que chamamos de arte, nos mais diversos tempos e lugares, envolve a função poética. Ou seja, a seleção e combinação cuidadosa e precisa dos elementos da linguagem. O objetivo dessas obras é sempre o de se comunicar algo por meio de um efeito estético. No entanto, chamamos de “obras primas”, aquelas situações em que o artista cria um efeito estético tão especial e profundo que sequer sabemos dizer o que é, por serem impressões e sentimentos irredutíveis a conceitos, que escapam à racionalidade, como tão bem formulou Kant.

Decerto podemos achar que alguns artistas ou algumas obras específicas cumprem melhor essa espetacular e arrebatadora função. Porém, como se diz: “Gosto não se discute!” ou “Há gosto para tudo!”. Por isso, tal como Kant, Jakobson também nos adverte que seu objetivo não era julgar a arte, mas apenas estabelecer alguns critérios para a sua apreciação, embora seu sentido último e mais verdadeiro nunca se esgote por meio da análise crítica.

Voltado para o ensino de arte este artigo faz a descrição de uma abordagem didática envolvendo a aplicação das categorias teóricas de Roman Jakobson na atividade interpretativa. A explanação é desenvolvida por meio de sucessivas análises da obra “Fonte” de Marcel Duchamp com o propósito de evidenciar o potencial heurístico e crítico desse arcabouço teórico, particularmente frente à produção artística contemporânea, sempre refratária aos parâmetros interpretativos legados pela tradição.

A Fonte de Marcel Duchamp

Marco da história da arte moderna e contemporânea, a Fonte (Fountain, 1917) de Marcel Duchamp é geralmente citada pela crítica de arte como a síntese, e a expressão mais radical, da ruptura com a tradição artística

promovida pelas vanguardas do início do século XX, sendo ainda reconhecida como uma das principais referências da produção artística contemporânea. Abaixo, vamos aplicar os critérios desenvolvidos por Jakobson para buscar compreender melhor os significados e a importância histórica dessa obra.



Fonte, Marcel Duchamp, 1917

Função Referencial:

Referente: Do que ou de quem se fala?

Esta obra é um mictório masculino, produzido industrialmente, porém foi assentado num pedestal e exposto numa galeria de arte, ao invés de ser fixado na parede de um banheiro, local onde normalmente são encontrados. Ou seja, isso é efetivamente um vaso sanitário, algo “já feito” (ready made).

Decerto essa atitude de Duchamp coloca em crise a relação entre arte e realidade até então cultivada pela tradição artística. Pois, ao invés de “representar” a realidade ele simplesmente “apresenta” algo da realidade num contexto artístico – a galeria de arte.

Função Emotiva:

Emissor: Quem fala?

Normalmente, consumimos esses produtos industriais sem nos preocuparmos sobre quem os criou, e, de todo modo, não foi Duchamp quem desenhou esse vaso sanitário, ele simplesmente se apropriou dele. Portanto, essa é uma obra impessoal. Ela não revela o primor técnico do artista, nem sua subjetividade ou seus sentimentos. Exceto pelo gesto rápido da assinatura e data colocada na peça, como normalmente se faz nas obras de arte. Porém, não é o seu nome que está registrado ali, mas o pseudônimo R Mutt. Decerto essa atitude de Duchamp coloca em crise a relação entre arte e autoria até então cultivada pela tradição artística.

Função Conativa:

Receptor: Com quem se fala?

Imagine agora a reação do público no ano de 1917 ao encontrar esta peça exposta numa galeria de arte. Choque total! Decerto esta atitude de

Duchamp colocou em crise as relações entre arte e público até então cultivadas pela tradição artística, subvertendo a concepção de que a arte se dirige ao deleite do espírito, a contemplação da belo.

Função Fática:

Canal: Onde se fala?

A estratégia utilizada por Duchamp para gerar todas essas “crises” foi eminentemente fática. Ou seja, ao invés de usar materiais e suportes tradicionais, tais como a pintura sobre tela ou a escultura em mármore, ele utilizou algo novo, até então inusitado no campo da arte. Neste caso, a apropriação de um objeto cotidiano.

Função Metalinguística:

Código: Com o que se fala?

Sem dúvida, essa escolha fática de Duchamp gerou uma profunda crise metalinguística no público. Provavelmente, as pessoas olhavam “aquilo” e se perguntavam: O que está acontecendo? Porque esse objeto ligado a vida privada e as necessidades biológicas mais primárias do ser humano está aqui exposto e assinado como se fosse uma obra de arte? Que petulância! Será que este artista está querendo zombar de nosso bom senso, de nosso espírito crítico? Isso não é arte! Ou será? Como analisar essa situação se ela não se encaixa em nenhum código, em nenhuma convenção artística antes prevista? O fato é que esta foi a obra mais comentada da exposição, e até hoje suas repercussões estão sendo discutidas.

Diante disso, pode-se dizer que por meio de uma estratégia fática, a seleção de um mictório, Duchamp criou uma obra que enfatiza a Função Metalinguística. Isso porque, ela é uma obra de arte que nos leva a refletir sobre o próprio conceito de arte, discutindo seus limites e suas imprevisíveis possibilidades.

Conclusão da análise

Identificando o que o artista selecionou e combinou na criação de sua obra, analisamos no texto acima como os diversos fatores do processo comunicativo nela se manifestam: Referente, Emissor, Receptor, Canal e Código. Em outras palavras, discutimos sua estrutura poética ou Função Poética.

Desse modo, independente de gostarmos ou não dessa obra, pudemos compreender alguns de seus significados e as razões de sua importância histórica. Isto é, o seu caráter de contestação radical dos princípios artísticos cultivados por séculos pela tradição artística ocidental.

Olhando por outro prisma, também se pode dizer que a Fonte de Duchamp é uma autêntica representante da cultura artística ocidental. Pois seu teor crítico e profundamente irônico só faz sentido numa sociedade em que a arte tenha cultivado todos os valores que esta obra contesta. Se antes de Duchamp os críticos e filósofos tinham grande dificuldade em definir o que é a arte, depois dele, certamente, esta tarefa se tornou ainda mais difícil.

Referências Bibliográficas

CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo, Ática, 1990.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1969.

LOSADA, Terezinha. **A interpretação da Imagem: subsídios para o ensino de arte**. Rio de Janeiro, Mauad X / FAPERJ. 2011.